

Notas sobre mobilidade Mbya-Guarani em Misiones, Argentina: deslocamentos, parentes e relações¹.

Luna Mendes. PPGAS/MN/UFRJ

Resumo

Este trabalho deriva de um primeiro movimento de sistematização dos materiais etnográficos de minha pesquisa de doutorado junto aos Mbya-Guarani em Misiones, Argentina. Apresento aqui diferentes narrativas sobre vínculos e fronteiras transnacionais. Nas aldeias onde trabalho é rotineira a presença, passageira ou não, de pessoas vindas de outros países ou cidades. Procuo desenvolver aqui o modo como estes territórios são atravessados e constituídos por redes de relações que compõem um repertório de mobilidades possíveis que envolve parentesco e amizades. As questões territoriais costumam vir acompanhadas da presença, ou da memória, de relações entre pessoas que ativam mobilidades possíveis. Nas aldeias da cidade de Puerto Iguazu, as conversas constantemente mencionam comparações que salientam semelhanças ou diferenças entre questões idiomáticas, territoriais, ambientais e políticas entre os três países. Seja sobre o modo de falar, aquilo que fazem, ou os problemas de cada região. Nesse contexto também aparecem moralidades e questões relacionadas às condições de existência nos diferentes lugares. Nesse tópico a paisagem costuma ganhar centralidade em uma comparação entre os campos de soja que tornam a vida difícil do lado paraguaio em oposição à mata do lado argentino, esse contraste é acompanhado de uma análise dos campos como o avanço e sobreposição do mundo juruá (branco) sobre o mundo da mata mbya.

Palavras-chave: Mobilidade; Relações transfronteiriças; Mbya-Guarani

Introdução

Trabalho com os Mbya-Guarani desde 2013 e apesar de já ter visitado aldeias em outros estados minhas relações, até 2019, se condensavam no Rio Grande do Sul. No segundo semestre de 2019 passei três meses fazendo trabalho de campo com os mbya de Puerto Iguazu na província de Misiones, Argentina. Minha ideia inicial era colocar em perspectiva experiências distintas sobre a vida mbya e também explorar questões diferentes das que havia trabalhado até então. Acredito que minha intenção de pesquisa

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020

tenha subestimado a noção de território como *Yvy Rupa* tão importante para os guarani. Apesar de alguns atravessamentos específicos das relações com empreendimentos turísticos e da organização estatal argentina, me deparei com uma espécie de continuum entre parentes e aldeias argentinas e brasileiras. Assim que conhecia alguma pessoa nova em Iguazu, de saída o assunto era um “passar a limpo” de nomes e lugares de pessoas que eu conhecia ou já tinha visitado no Brasil/ lugares onde essa pessoa já tinha vivido ou estado. As primeiras conversas com meus interlocutores do lado argentino foram todas sobre esse tema. Este texto, portanto, é um primeiro movimento de inserir minha pesquisa nessa rede de descrições sobre como se constitui e se atualiza essa noção contínua de um grande território Guarani. Faço isso aqui a partir, principalmente, de descrições etnográficas, não por desconhecer a existência de importantes teses, artigos e dissertações sobre a mobilidade guarani e o modo como esse tema engendra modos de conhecer e fazer parentesco (Ladeira, 1992; Garlet, 1997; Silva, 2007; Pissolato, 2007; Testa, 2018), mas para dar ênfase a um texto mais experimental, mais explorando possíveis caminhos e desdobramentos do que amarrando uma análise mais refinada sobre o tema.

Puerto Iguazu é a menor cidade das três fronteiras, segundo o último censo tem cerca de oitenta mil habitantes. Mas é a quarta cidade mais povoada da província de Misiones (atrás de Posadas, Oberá e Eldorado). A cidade é fortemente voltada para o turismo. Nela existem duas grandes aldeias cuja titularidade é reconhecida: Fortin Mbororé e Yry Apu – mas compartilhando mais ou menos o mesmo espaço que elas existem outras aldeias menores, as de Mbororé não conheci, as de Yry Apu são: Jacy Porã, Tupã Mbae e Ita Poty. Visitei Fortin Mbororé uma série de vezes para assistir aos campeonatos de futebol, mas sempre estive ali de passagem. O que escrevo neste trabalho são experiências vividas nas aldeias Yry Apu, Tupã Mbae e Ita Poty, onde estive de maneira mais sistemática. Yry Apu, tem 265 hectares onde vivem aproximadamente 86 famílias. Em toda a Província de Misiones são cerca de 105 aldeias guarani, as duas maiores estão em Iguazu; segundo o censo há cerca de 600 indígenas vivendo na cidade (mas esse número é questionável). Também compõe o quadro deste trabalho conversas com meus amigos mbya do Rio Grande do Sul, tivemos trocas significativas em torno dessa minha passagem pela Argentina; me falaram muito de lá antes de eu ir e enquanto estava lá era comum que me escrevessem para saber onde já tinha ido, quem tinha conhecido, se estava gostando, e sobre aspectos da vida entre diferenças e semelhanças. De maneira geral, essas são as narrativas que aparecem aqui.

A cidade e suas fronteiras

Antes de ir para Puerto Iguazu sabia se tratar de uma cidade rodeada por uma considerável zona de mata. O Parque Nacional Iguazu, onde estão as cataratas argentinas tem cerca de 67 mil hectares de área preservada. Na própria busca pela cidade na internet, o verde forte do mapa contrasta com o verde clarinho dos arredores. Porém, em setembro de 2019, as queimadas generalizadas pelo Brasil deixavam o céu denso e escuro, o sol estava filtrado por partículas que o deixavam vermelho e gigantesco. Mesmo com ruas calçadas a cidade parecia envolta em poeira. Não parecia que estava tão perto de uma zona de mata tão significativa. Depois de uns dias conheci outras partes da cidade, mais afastadas do centro, onde se sente melhor a presença da chamada selva missioneira ou selva paranaense com árvores muito altas e um verde a perder de vista, é nos limites dessa selva que estão as aldeias mbya.

A descrição que tive de Iguazu dada por um amigo argentino que conhecia a cidade me fez imaginar um lugar completamente diferente, ele disse que era um lugar super indígena, que tudo era feito a base de mandioca, que os restaurantes vendiam comidas típicas e boa parte da cidade era guarani e cercada de mato. Para quem vive no Brasil, o consumo de aipim é até baixo, assim como seus derivados. A presença indígena na cidade é significativa, mas também não impressiona quem vive em Porto Alegre e encontra os guarani pela redenção todo sábado e domingo ou então durante a semana pelo centro da cidade. Arriscaria dizer que Iguazu figura entre uma cidade argentina e brasileira, com igrejas evangélicas com pastores brasileiros, mas também com onipresentes torcedores do Boca e do River tomando Fernet com Coca. De fato, a presença indígena na cidade é evidente, o hospital principal tem um nome em espanhol e em baixo o mesmo nome em guarani. Isso também tem relação com a significativa presença de paraguaios na cidade – são cerca de 120 mil paraguaios vivendo em toda a província de Misiones e a ‘regularização’ dos mesmos no lado argentino é uma questão de diplomacia entre os dois países. Em outro tópico desenvolvo melhor essa relação entre a cidade e os paraguaios.

Era comum que as pessoas me identificassem como turista e puxassem assunto comigo sobre minha presença ali, nesses momentos eu sempre falava sobre meu trabalho com os Guarani e era bastante comum que nessas horas uma certa distância dos índios fosse declarada, algo como ‘não sei’, ‘não conheço’, mas que era desfeita no desenrolar da conversa por descrições de relações muito próximas: fosse um parentesco próximo ou

distante, partidas jogadas, idas a festas, consultas com o *opygua* (xamã), e mesmo conhecimentos sobre frutas (e seu nome em guarani) e remédios naturais. Me surpreendi ao acumular descrições sobre como os xamãs oferecem consultas à população local, uma vez conversando com um argentino missioneiro (macrista) ele disse que preferia consultar com o xamã de Fortin Mbororé do que com os próprios médicos que descrevia como sendo ‘açougueiros’. Inclusive, logo que cheguei tive um episódio sério de desidratação, ainda não conhecia ninguém, mas depois soube que o tratamento pra desidratação é uma especialidade de algumas senhoras chamadas de curandeiras pelos argentinos. Essa presença de um horizonte de tratamento com curandeiras e ervas naturais povoava a cidade de forma subreptícia e parecia disputar espaço com uma frente evangélica bastante barulhenta e hostil na cidade, apesar de pouco numérica.

Outro marcador do modo como os não-indígenas falavam sobre os mbya era na chave do turismo. Depois descobri serem comuns projetos de estímulo ao “empreendedorismo” indígena, formação de guias turísticos e parcerias unilaterais com algumas aldeias (entre ongs, prefeitura, estado) que criam um ambiente relativamente minado entre as próprias comunidades. Os guarani são bizarramente descritos, inclusive, como ‘atração turística’ pelos locais, “ya visitaste los aborigenes?”, “conoces los aborigenes? Me gustaria conocelelos”. Por todo lado pelo centro de compras se veem nomes em guarani nas fachadas das lojas e também figuras como onças, quatis, grafismos e anciãs indígenas nas fachadas e em murais.

As três fronteiras pelas quais as cidades limítrofes são famosas delimitam fronteiras apenas para as pessoas não indígenas que circulam por ali, e ainda assim a presença de brasileiros e paraguaios é constante no lado argentino. Para os guarani é mais um dos lugares por onde passam. Inúmeras vezes procurei conversar sobre como é atravessar aquela fronteira e os olhares vinham como se a resposta fosse óbvia: atravessamos, nada mais. Essa era uma questão particularmente delicada pra mim que sempre sofria muitos constrangimentos toda vez que precisava passar de um lado a outro.

Morando do lado argentino, precisava ir ao lado brasileiro sacar dinheiro. Sentia tanta angústia com as inquisições que sofria na aduana que limitava ao máximo meu trânsito por ali. O procedimento era sempre o mesmo, pegar um ônibus que atravessava da Argentina para o Brasil e vice-versa, na aduana esse ônibus parava, todos os passageiros desciam passavam pela aduana e voltavam ao ônibus que esperava cada um para seguir viagem. Esse procedimento costumava ser muito rápido para quase todos os

passageiros (inclusive meu namorado brasileiro) menos para mim, era comum na viagem de volta que o ônibus tivesse que ficar me esperando mais tempo do que o usual, eu passava por um verdadeiro interrogatório com os funcionários da aduana: “porque estava indo para a Argentina”, “o que eu ia fazer lá?”, “porque ficaria tanto tempo?”, perguntas combinadas a olhares desconfiados de diferentes funcionários. Não pretendo me estender nessa narrativa sobre a hostilidade dos funcionários argentinos, os motivos disso pra mim evidenciam que para os argentinos eu sou uma mulher brasileira não-branca o que mobiliza atitudes racistas. O objetivo desse relato é contrastar toda a dificuldade que eu tinha em passar entre fronteiras com a facilidade com que meus interlocutores faziam isso indo constantemente de um lado a outro. Em geral quem cruzava a fronteira eram as mulheres para visitar parentes e comprar comida nos mercados brasileiros. Eram viagens curtas e duravam no máximo um final de semana quando aproveitavam para visitar algum parente. Durante o tempo em que estive lá, vi mais gente vindo para a Argentina do que saindo dela: pessoas vindas do Paraguai, do Ocoy (aldeia situada no Paraná) e alguns poucos vindos do Rio Grande do Sul. O modo como essas viagens eram descritas evidenciava uma perspectiva de continuidade territorial.

Também para os guarani do Rio Grande do Sul esse movimento de ir para a Argentina é cotidiano. Os motivos vão desde acompanhar um campeonato de futebol, visitar um parente, levar cestas básicas ou se consultar com um *karai* (xamã), viagens com durações curtas, um fim de semana, ou mesmo mais longas. Quando não são mudanças mais ‘definitivas’. Não sei se por prestar mais atenção ou se por ter estado lá, mas passei a ser incluída nas conversas sobre a Argentina, esse passou a ser um tópico de conversação com meus amigos do RS. Me contavam quando estavam indo pra lá, quanto tempo ficavam. Nomes que eu tinha ouvido pela primeira vez e me esforçado para registrar e mapear passaram a ser comuns nas nossas conversas: “estou em Aristóbulo”, “passei no Tamanduá”, “fui em Iguazu”. Depois de um tempo comecei a perguntar sobre os modos de deslocamento e então percebi que os caminhos que conectam aldeias são criados pelos guarani de forma que não necessariamente condizem com rotas mais usuais, principalmente quando eles mesmos escolhem o caminho, fazendo essas viagens de carro: ir até uma chácara, fazer uma trilha no mato, cruzar um riacho por uma ponte improvisada, essas são as ‘fronteiras’ a serem cruzadas.

Caminhos e modos de caminhar

Em Iguazu, o modo como os guarani circulam pela cidade se dá de forma parecida, criando seus próprios caminhos (por onde se encontram quando passam), abrindo trilhas e descobrindo passagens através de terrenos e lugares não usuais, por toda a cidade há pessoas vendendo artesanatos (mulheres e crianças principalmente), e jovens passeando em grupos. A presença indígena na cidade é mais marcante em alguns pontos específicos, no centro vendendo artesanatos e nos bairros Hermosa e 2000ha por onde o trânsito é mais cotidiano – caminho entre duas aldeias, ida a mercados, partidas de futebol. Muitos possuem motos nas quais fazem mais ou menos os mesmos percursos.

O local onde fiz a maior parte do meu campo é chamado na cidade de “as 600”, são 600 hectares de zona de preservação costeira às Cataratas, a presença guarani nesse espaço é bastante antiga, contudo em meados dos anos 2000 a prefeitura tentou tirá-los de lá. Uma mudança na legislação argentina tornou provinciais as terras que antes eram federais, a Província decidiu ceder as terras para resorts e hotéis de luxo. Depois de muita luta, os guarani conseguiram garantir que 265 hectares fossem delimitados como terra indígena, o resto foi cedido a hotéis e resorts. Há um espaço que ainda está em disputa onde fica a aldeia Ita Poty, a comunidade ocupou uma área que seria destinada a hotéis e ainda briga pela titulação.

O acesso a essa área se dá por uma estrada pavimentada. Pelo caminho vemos placas anunciando *cabalgatas*, placas de hotéis e um portal do IMbio, instituto Misiones de Biología, que indica que se está entrando em uma zona de preservação, porém, na estrada antes do portal uma placa oficial sinaliza: “600 ha complejo hotelero”. A sinalização para os hotéis é detalhada, a cada tanto uma placa indica a direção e distância de todos eles. Já as comunidades aparecem ao final de cada placa sem detalhamento, apenas escrito “pueblos originarios”. Por toda a estrada é visível o contraste entre a estrutura para os hotéis e a ausência de estrutura para as comunidades. Do lado dos hotéis: grama sempre cortada, árvores podadas, calçadas verdes; do lado das aldeias: areões, matagais e caminhos embarrados. Apenas dois hotéis deixam sua rede wifi aberta, é fácil saber quais são porque sempre estão algumas pessoas aglomeradas na volta – em geral, meninos de 12, 13 anos que ficam jogando no celular. Alguns hotéis tem nomes ou fazendo referência ou em guarani: “Aldea Lodge”, “Tierra Guarani”, “Yvy”. As comunidades colocam sinalizações por conta própria indicando suas entradas e “senderos turísticos”, “venda de artesanatos”, “cachoeira”, etc.

Caminhando por essa estrada me chamava atenção como as pessoas misteriosamente apareciam ou desapareciam no meio do caminho. Uma espécie de efeito

ilusionista de estar há horas caminhando sozinha numa reta e de repente, ao longe, ver alguém caminhando na frente. Ou então o contrário, passar parte do caminho vendo alguém caminhando quase junto, me distrair, e a pessoa desaparecer no meio do caminho. Aos poucos fui me dando conta de que todo o território é cortado por trilhas. O mais curioso é que boa parte delas, mesmo as mais largas, são sinuosas, de modo que no que a pessoa entrava na trilha ela já não estava mais visível mesmo que eu passasse por ali poucos minutos depois. Cheguei a contar mais de 42 trilhas nos 2,5km que percorria todos os dias, sem falar em muitas outras trilhas internas que conectam casas e lugares mais específicos. Com o tempo passei a percorrer junto com meus interlocutores alguns destes caminhos e me deparei com atalhos contra-intuitivos para mim. Vi a autonomia no modo como as 600 são usadas, apesar dos hotéis. O lado não visto e invisível desse território que só tem acesso quem os guarani permitem. Não desenvolvo isso neste trabalho, mas a invisibilidade me pareceu ser uma importante estratégia nas relações com atores como os turistas. Ainda enquanto estava iniciando o campo, percebi como a invisibilidade era possível em locais inesperados, como por exemplo num grande lago em que vários grupos de mulheres lavavam roupa e onde crianças nadavam, sempre era possível se posicionar de forma a interpor uma moita entre quem não se queria ver, várias vezes percebi as mulheres mudando de lugar no lago de modo a não serem vistas por mim (que sempre estava acompanhada de alguma pessoa fotografando). Também as casas são dispostas na aldeia de modo que a parte dos fundos dificilmente é visível (claro que existem exceções).

Uma maior ou menor visibilidade dialogava diretamente com a presença de turistas. As aldeias Yry Apu, Tupã Mbae e Jacy Porã tinham estandes com artesanatos e alguém sempre de olho na possível presença de interessados. Mas a que eu mais via receber turistas era Jacy Porã, não sei se por alguma parceria específica ou se por ter um grande estande com muitos artesanatos e placas informativas localizadas diretamente no caminho, sem necessidade de acesso por trilhas. A única aldeia com pouca sinalização é Ita Poty, mas ainda assim há uma placa indicando o caminho do observatório de aves, atrativo da aldeia.

Distâncias e aproximações

Tendo me tornado uma pessoa que transita entre lugares isso passou a ser um dos assuntos que tenho com os guarani que são meus amigos mais próximos: onde estive, o que achei / onde vou, o que eles acham. Nessas conversas, aos poucos, fui delineando um

circuito de movimentações bastante pautados nas alianças e no parentesco. Parentes que acendem como que luzinhas em um mapa, tornando possível o trânsito por ali. Ou o contrário, rivalidades que se acentuam e que tornam delicada a presença em determinada região.

Quando fui para o Rio de Janeiro conheci muitas pessoas mbya em um evento grande, uma festa na aldeia em Maricá. Para além de mapeamentos que eu já havia feito de parentes de conhecidos que sabia estarem vivendo lá, descobri uma forte relação entre alguns conhecidos do Rio Grande do Sul com as pessoas da aldeia de Itaipuaçu. Quando disse aos amigos que iria para Santa Catarina causei um certo mal estar por estar indo para uma aldeia com a qual havia uma certa rivalidade. A discussão sobre porque determinada aldeia é mais ou menos adequada para se visitar tomava rumos distintos: riscos, perigos, e em alguns casos culminava numa avaliação sobre ser uma aldeia “mais ou menos guarani”, cuja tradução comum do ‘menos guarani’, no Rio Grande do Sul, era ‘lá se vive que nem *ponguê*’. Essa máxima foi repetida inúmeras vezes, e meus amigos sempre situavam o local em que eu estava nesse gradiente entre mais ou menos guarani.

O paralelo disso em Misiones é dizer “paraguaio”. Nas primeiras vezes em que escutei frases depreciativas sobre os guarani que vem do Paraguai não prestei muita atenção pensando se tratar de algo muito peculiar, já que no Rio Grande do Sul se fala do Paraguai de forma muito bonita, como sendo o centro do mundo guarani, etc. Mas a quantidade de vezes em escutei os guarani falando mal de paraguaios combinada com a quantidade de vezes em que percebi que alguma pessoa era do Paraguai e evitava falar isso, me fez perceber que é uma questão séria.

Conversando sobre isso com um argentino morador da cidade, ouvi que os paraguaios são extremamente mal vistos em Iguazu e que os guarani sofrem com isso porque são associados a eles e por vezes são vistos com desconfiança. Ele disse que eu precisava ter cuidado nas aldeias porque nelas às vezes viviam índios paraguaios que vinham expulsos de suas aldeias sem que o cacique de Iguazu soubesse e que pessoas de todos os tipos se escondiam nas aldeias porque elas são muito isoladas e então não se sabe que tipo de gente poderia estar ali. Ele falava isso dizendo pra eu ter cuidado se fosse andar sozinha de noite, poderia não ser seguro e tiveram casos recentes de estupro de mulheres na cidade.

Tempos depois escutei de um dos caciques das 600 que sabia que não deveria julgar as pessoas antes de conhecê-las, mas que alguns guarani faziam coisas muito ruins no Paraguai, que conquistam territórios só pra vender pra fazendeiros e que ele entendia que se luta pela terra porque se tem direito a ela e por isso era preciso ficar na terra e não aceitar qualquer oferta feita para que saíssem. Na sequência desse comentário, ele disse que era muito triste também ver as mulheres bebendo cerveja, porque são elas os pilares que sustentam as prática de bem-viver e que quando elas não estão bem é porque as coisas estão realmente indo mal. Em outro momento, em outra aldeia, outro cacique me disse que ele era índio missionário argentino puro, e usou um termo para isso: *kurepi*². Na sequência fez duras criticas aos guarani que vivem no Paraguai, mas que ele achava que também as pessoas de Iguazu estavam perdendo seus hábitos, que não é mais como ainda é no Brasil, “aqui ninguém mais fuma o *petyngua*”.

Uma das aldeias mbya de Iguazu é reconhecida por receber muitos mbya vindos do Paraguai, algumas pessoas acusam esses indígenas de não serem indígenas, falando dessa aldeia com uma de minhas interlocutoras indígenas ela disse que lá quase não viviam guarani eram quase todos juruá, perguntei se são *jurua* que falam guarani, “é tudo *juruá* do Paraguai”, “lá só vive gente do Paraguai” e reforçou que a terra da aldeia tem que ser pros indígenas e não para os jurua. A quantidade de aspectos negativos que os guarani atribuem a essa aldeia vai desde tráfico de drogas, prostituição até acusações de ordens diversas. Por exemplo, logo que cheguei em Iguazu, um incêndio de grandes proporções atingiu essa aldeia e se alastrou para outras aldeias vizinhas, apesar de ter sido fortemente atingida as aldeias vizinhas acusaram diante da imprensa a aldeia em que residem os paraguaiois de ter causado o incêndio intencionalmente. Se essa acusação procede ou não, importa menos do que perceber como se dão essas dinâmicas na região, já que acusações do tipo aconteciam a todo tempo. Algo curioso com relação a essa mesma aldeia, é a presença nela de um poderoso xamã com o qual as pessoas das diferentes aldeias vão se consultar e também a capacidade do cacique de angariar apoio de pessoas da cidade. Certa feita um amigo me disse que estava juntando dinheiro pra poder consultar com esse *opygua*, perguntei meio surpresa se era comum os karaí cobrarem por consultas, “aqui ninguém perdoa”, ele me disse rindo. Falei que achava uma aldeia muito bonita e ele disse “bonito é, só não é bonito viver lá”.

² Kurepi é o termo pelo qual os paraguaiois chamam os argentinos, dizem que teria a ver com as botas usadas pelos argentinos durante a Guerra do Paraguai que eram feitas de couro de porco.

Esse meu amigo é um dos que mantem relações com a aldeia que costuma ser acusada, onde vivia até se casar e ir morar na aldeia de sua esposa. E é um exemplo desse receio que alguns guarani tem de dizer que nasceram no Paraguai. Já nos conhecíamos há algum tempo quando conversávamos sobre algumas palavras em guarani, perguntei pra ele se eu falava certo o *ha'evete* (obrigada), ele disse que sim e falou bem rapidinho. Perguntei se se falava mais rápido assim e ele disse que não, que ele falava rápido porque nasceu no Paraguai que ele não sabe tão bem o guarani mbya por causa disso. Que lá não tem guarani mbya, só ava guarani e que é diferente, tem mais contato com juruá e por isso falam mais rápido. Ainda disse que lá é tudo bem diferente, é feio porque quase não tem mato. Perguntei o que tem? Ele disse, “soja, soja, soja, soja, soja” e que até tem terra indígena, mas que os guarani arrendam pros fazendeiros plantarem soja. E que os fazendeiros quase não são paraguaios, “é só alemão”. Que eles derrubam todo o mato pra plantar soja. Esse contraste dialogava com uma correção constante da parte de meus interlocutores por tudo que soava “jopara”, às vezes pensava ter aprendido uma palavra nova, uma expressão nova, ia usar e me diziam “isso não é guarani, é jopara”.

Comecei a ver então como as pessoas que haviam nascido no Paraguai demoravam mais pra falar sobre essa rede e era difícil mapear as relações com as aldeias de lá. Diferente do que acontecia quando as redes estavam na Argentina, ou no Brasil e eram descritas espontaneamente. Uma *xejary* (mulheres que já são avós) com a qual conversei inúmeras vezes, por exemplo, sempre mapeava toda a rede de parentes que tinha em São Paulo e em São Miguel de Iguazu, mas só no final do campo, conversando com a filha dela é que soube que ela se considerava Chiripá e que tinha toda uma rede de parentes do lado paraguaio.

Há uma rivalidade entre as aldeias de Iguazu que aparece nas falas de alguns caciques, na circulação das pessoas, e também no futebol. A organização em torno do turismo cria algumas exclusões, como por exemplo limitações para vender artesanatos em locais disputados (pontos turísticos da cidade como Aripuca e as próprias Cataratas), só algumas pessoas ganham autorização para ocupar esses pontos, e segundo meus interlocutores essa escolha é arbitrária. Também essa discordância sobre a venda de artesanato como fonte de renda potencial ou não aparece no contraste entre as falas de dois caciques, um que atribui ao artesanato a possibilidade de autonomia (basta querer que se vende), e outro que diz que nunca se vende bem em nenhum lugar. O que acaba acontecendo então é uma disputa por alianças, quem consegue angariar quais aliados para

suas aldeias, umas fecham parcerias com Ongs, outras com a Intendencia, outras com as pessoas da cidade, outras com alguns hotéis, até mesmo os evangelicos entram nisso.

Tentei mapear um histórico desses rompimentos, quando um cacique saiu e fundou sua própria aldeia e porque, e também como as pessoas decidem sair de uma aldeia e ir morar em outra, mas não consegui encontrar nada de muito consistente. Me parece que são alianças e rachas transitórios e que mudam conforme um parente vira cacique, um casamento é feito, coisas assim. Apesar de que ser parente não é garantia de aliança. Essas relações aparecem também nos caminhos por onde se passa, ou não. Por exemplo, com meus amigos de Tupã Mbae sempre atalhávamos por Ita Poty quando indo em direção ao centro; pessoas de Yry Apu seguidamente estavam em Mbororé. Mas é importante ressaltar que essas alianças e distanciamentos me parecem ser algo muito mais pessoal do que coletivo, apesar de os caciques terem suas relações que institucionalizam mais ou menos determinadas parcerias, mas não é por viver em uma aldeia que o acesso à outra seja mais ou menos restrito, isso depende das relações que cada um estabelece e que acabam tendo a ver com o lugar em que escolhem morar.

Mobilidades distintas

Apesar de ainda não ter me debruçado sobre esse campo de maneira consistente, esboçaria uma leitura sobre recortes generificados que marcam esses modos de circular. Percebo que esboça-se um padrão do modo como redes e circulações são ativadas de diferentes maneiras por homens e mulheres. Durante todo o tempo em que fiz essa pesquisa três famílias se mudaram para a aldeia Tupã Mbae, o que é significativo por ser uma aldeia muito pequena, onde vivem apenas 12 famílias (com essas três já inclusas) quase todas ligadas por algum parentesco com a família do *xeramoí* e da *xejary*. Das doze famílias, quatro são de filhos do casal. As pessoas de fora da aldeia que passavam por ali de forma mais ou menos duradoura (algumas semanas, mas sem constituir um novo núcleo habitacional), eram em geral parentes da *xejary*: sobrinhos (filhos da irmã) e filhos sem esposas. As redes dessa senhora estão em aldeias em Foz do Iguaçu (Ocoy, aldeia atingida por Itaipu) e em São Paulo (Jaragua e Barragem), toda a família dessa senhora tem como presente esse circuito, e viajam entre esses lugares. O sobrinho dela planejava buscar sua mulher e o filho e ir morar na argentina, um dos motivos era o desgosto com todo o entorno que tinha virado a região de São Miguel do Iguaçu.

Como eu era identificada como a “pessoa do Brasil”, sempre me contavam quando alguém do Brasil estava se mudando, mesmo que fosse em outras aldeias. Isso me fez atentar para o quanto as mulheres raramente faziam esse trânsito mais longo sem ser com os filhos ou com outras mulheres. Ir avulso para longas distâncias era algo mais comum aos homens. Ao mesmo tempo, a circulação das mulheres era muito intensa na dinâmica local, eram elas quem eu mais via nos supermercados junto com as crianças, ou no centro vendendo artesanatos. Quase sempre eram elas que circulavam carregadas de coisas como roupas, sacolas com orquídeas, alimentos, etc. Mesmo nas idas curtas ao Brasil, eram principalmente as mulheres que se programavam e falavam sobre esses roteiros. O deslocamento das mulheres me parecia mais ‘carregado’, elas circulavam também, mas principalmente ou para visitar parentes, ou nesses deslocamentos curtos para buscar algo. Um deslocamento mais interativo, brincalhão e popular. Diferente do deslocamento dos homens que parecia ser mais avulso e desvinculado de coisas ou pessoas, mais solto.

Uma vez conversando com essa mesma *xejary* ela falou sobre o desejo que tinha de ir passar um tempo em São Paulo com o irmão e seus outros parentes, mas que só vai poder fazer isso “quando deus mandar”, entendi isso de forma literal. E parece que assim como existem camadas de entendimento que só estão disponíveis para os *xeramo* e *xejary*, o mesmo vale para as diferentes formas de mobilidade (Pissolato, 2007). Algo que se torna mais ou menos intensivo a depender do momento da vida em que se esteja.

Apesar das diferentes forma nas quais essa mobilidade ocorre, há algo de uma ‘leveza’ no modo como se pensa a circulação. Que contrastava com o quanto estar na Argentina, para mim, era uma questão presente. Eu não esquecia disso em nenhum momento, fosse pela quantidade de coisas que carregava e que reduziam minha capacidade de mobilidade, fosse pela língua, fosse pelo dinheiro e pela dificuldade em acessá-lo. Diferente das vezes que escutei alguém decidir que passaria a viver em outra aldeia, ou que iria mudar de país, ou mesmo no modo como meus amigos *mbya* do sul passavam pela Argentina como sendo algo corriqueiro.

Referências Bibliográficas

GARLET, Ivori J. Mobilidade Mbyá: História e Significação. Dissertação de Mestrado. PUCRGs: Porto Alegre, 1997.

LADEIRA, Maria Inês. O caminhar sob a luz: o território Mbya à beira do oceano. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

PISSOLATO, Elizabeth. A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani). São Paulo: Unesp Editora: Pronex: Nuti/ ISA, 2007.

SILVA, Evaldo Mendes da. Folhas ao vento: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira. Tese de Doutorado. UFRJ/MN/PPGAS: Rio de Janeiro, 2007.

TESTA, Adriana Queiroz. Caminhos de saberes Guarani Mbya: modos de criar, crescer e comunicar. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.